



## TENSÃO NO CARIBE

# Foco: mudar o regime de Cuba

Marco Rubio, secretário de Estado dos EUA, reforça a intenção de modificar o sistema de governo comunista e anuncia que Havana aceitou ajuda de US\$ 100 milhões. Porta-aviões se aproxima da ilha. Suprema Corte vota a favor de empresa americana nacionalizada por Fidel

» RODRIGO CRAVEIRO

O secretário de Estado americano, Marco Rubio, admitiu que a Casa Branca está “muito focada” em mudar o sistema comunista de Cuba e revelou que Havana aceitou o pacote de ajuda de US\$ 100 milhões oferecido na véspera, pouco antes do indiciamento do ex-presidente Raúl Castro por assassinato e conspiração para matar cidadãos dos EUA. “Seu sistema econômico não funciona. Está quebrado, e não pode ser consertado com o sistema político atual que está em vigor”, disse Rubio. “Eles não vão conseguir que a gente se renda nem ganhar tempo. Estamos muito sérios. Estamos muito focados”, acrescentou. Enquanto o chefe da diplomacia americana falava a jornalistas em Miami, o porta-aviões USS Nimitz e navios de escolta entravam no Caribe. Rubio advertiu que, apesar de Cuba ter aceitado a oferta de assistência milionária, não está certo se Washington avaliará as condições de Havana.

A pressão sobre o regime cubano se manteve também no campo judicial. A Suprema Corte dos EUA decidiu a favor de uma empresa portuária de propriedade americana, cuja propriedade na orla do cais foi confiscada em 1960, após a chegada de Fidel Castro ao poder. À época, Fidel nacionalizou a propriedade privada. A decisão da máxima instância do Judiciário americano pode abrir espaço para reivindicações semelhantes por parte de empresas e indivíduos dos Estados Unidos.

Professor de governo e especialista em América Latina pela American University (em Washington), William LeoGrande denunciou a hipocrisia do governo Trump. Ele contou

Chandan Khanna/AFP



Cubanos exilados em Miami protestam em apoio ao indiciamento de Raúl Castro pelo Departamento de Justiça americano

ao **Correio** que Cuba havia declarado que aceitaria a ajuda dos Estados Unidos. “Havana exigiu que Washington não incluisse nenhuma condição além de ser enviada por canais não governamentais. Cuba acolheu ajuda anterior sob as mesmas condições”, lembrou. “No entanto, é hipócrita para os EUA cortar todo o petróleo de Cuba, mergulhando o país em uma crise humanitária e, depois, oferecer ajuda”, acrescentou.

LeoGrande não acredita que o

regime cubano ceda aos anseios dos EUA e acelere uma mudança de comando. “De forma repetida, os líderes de Cuba têm traçado uma linha vermelha contra a negociação, com Washington, de seu sistema político ou suas lideranças. O regime permanece desafiador. Cuba deseja negociar uma ampla variedade de assuntos econômicos, mas não os elementos básicos de sua soberania nacional”, destacou. Por sua vez, Jorge I.

Domínguez — professor aposentado de estudos internacionais da Universidade de Harvard — avalia a ajuda de US\$ 100 milhões como “uma gota d’água em um oceano de sanções”. “Rubio também disse que não existe ‘bloqueio do petróleo’, quando é exatamente isso que determinam as decisões da Casa Branca. As sanções impostas à Rússia têm exceções, mas o governo proíbe que Moscou envie petróleo para Cuba”, disse ao **Correio**.

Para Domínguez, a dúvida paira nas reais intenções de Trump. “O que ele realmente deseja? Mudança de regime? Uma nova política econômica? Ele permitirá à Organização de Trump construir um hotel e um campo de golfe? Os detalhes mudam dia a dia”, ressaltou. O especialista de Harvard acrescentou que Marco Rubio foi mais claro em sua sequência do que o titular da Casa Branca. “Em janeiro, falou em mudança econômica; em março, mudança política. Agora,

Cuba representa uma ameaça militar. É por isso que o porta-aviões USS Nimitz, que acaba de concluir exercícios navais com a Marinha brasileira, entrou no Mar do Caribe.”

Ex-diretor do Instituto de Investigações Cubanas da Universidade Internacional da Flórida, o antropólogo Jorge Duany afirmou à reportagem que o regime de Cuba tem se negado a implementar reformas significativas como resultado de pressões externas. Ele pontua que a única mudança importante foi a aprovação de regulamentações que permitam aos cubanos residentes fora da ilha investir e possuir empresas em Cuba. Duany ressalta, entretanto, que a liderança cubana insistiu que não negociará assuntos internos com os EUA, incluindo a liberação de presos políticos ou de pessoas em cargos de liderança. “As autoridades de Havana somente estão dispostas a discutir com representantes norte-americanos temas de interesse bilateral, como migração, narcotráfico e compensação por propriedades confiscadas após a revolução”, comentou.

Quanto à decisão da Suprema Corte sobre a reversão da nacionalização de empresas americanas, Duany vê um avanço significativo para requerentes ao abrigo da Lei Helms-Burton, que permite a empresas e cidadãos dos EUA processar por indenizações relativas a propriedades confiscadas pelo governo cubano depois de 1959. “A sentença favorável à Havana Docks Corporation permitiria que ela recebesse milhões de dólares pelo ‘tráfego’ em seus cais, utilizado por diversas companhias de cruzeiro americanas. Agora, um tribunal federal de apelações terá que revisar o caso e determinar os valores da indenização.”

## China critica ofensiva contra aliado caribenho

O governo da China reafirmou ontem seu apoio ao regime comunista de Cuba e advertiu os Estados Unidos para que “parem de brandir o porrete das sanções e de ameaçar com o uso da força a cada passo” nas relações com a ilha caribenha. “A China sempre se opôs firmemente às sanções unilaterais ilegais, que carecem de fundamento no direito

internacional, e ao abuso dos meios judiciais”, disse em Pequim o porta-voz da chancelaria, Guo Jiakun. “A China apoia firmemente Cuba na defesa de sua soberania e dignidade nacionais e se opõe à interferência externa.”

O porta-voz reagiu ao indiciamento de Raúl Castro, ex-presidente e um dos remanescentes da geração que

comandou a revolução comunista de 1959, liderada por Fidel Castro, seu irmão mais velho, morto há 10 anos. Raúl, de 94 anos, é acusado pela Justiça norte-americana pela morte de quatro pessoas, em 1996, quando foram abatidos dois aviões em que davam apoio a cubanos que atravessavam o Estreito da Flórida rumo aos EUA.

Na época, ele era o ministro da Defesa de Cuba.

“Trump parece estar preparando uma missão parecida com a da Venezuela, e isso pode ser um complicador no trato com a China”, disse ao **Correio** o professor de relações internacionais Juliano Cortinhas, da UnB. Ele se referia à operação militar que resultou na captura, em Caracas,

do presidente venezuelano, Nicolás Maduro, em janeiro. Como o veterano líder cubano, ele é objeto de processo criminal nos EUA — no caso, por narcotráfico.

“Não acho que Pequim vá adotar uma reação muito forte. Certamente, vão criticar e se posicionar, mas não acho que isso possa ter um efeito prático nas relações bilaterais”, pondera

Cortinhas. “A crítica do governo chinês ao indiciamento de Raúl Castro é uma reação pró-forma, diplomática”, avalia Gunther Rudzit, professor de relações internacionais da ESPM. “Não acho que tenha potencial para descarrilar as relações, até porque a China, mais para a frente, pode usar o exemplo de Cuba para tentar ocupar Taiwan”, arrisca. (Silvio Queiroz)

## EUA-CHINA

# Trump testa tolerância de Pequim

» SILVIO QUEIROZ

Menos de uma semana depois de deixar a China com uma advertência ao governo de Taiwan para que “não declare independência”, uma declaração sob medida para agradar o regime comunista de Pequim, Donald Trump acenou ontem para a ideia de conversar — por telefone — com o presidente da ilha, Lai Ching-te. Um dos temas centrais deve ser um pacote de US\$ 14 bilhões em equipamento militar norte-americano cuja venda foi aprovada pelo Congresso, mas depende da sanção do presidente. O governo chinês respondeu prontamente, lembrando que o assunto foi discutido por Trump com o colega Xi Jinping, durante a visita, e que Pequim “se opõe firmemente a contatos oficiais” entre Washington e Taipé.

“Vou falar com ele, eu falo com todo mundo”, respondeu Trump aos

jornalistas, na Casa Branca, quando questionado sobre a disposição de discutir com Lai o pacote de material bélico, que incluiria mísseis de defesa antiáerea e sistemas contra drones. Caso se confirme, a conversa será a primeira em 47 anos entre um presidente dos EUA no exercício do mandato e um líder taiwanês. Em 1979, Washington reconheceu formalmente o governo de Pequim como único representante do país, e desde então mantém com Taipé apenas relações comerciais. O próprio Trump chegou a falar por telefone com o presidente de Taiwan em 2016, como presidente eleito, antes de tomar posse no primeiro mandato.

Lai reagiu à notícia afirmando que ficaria “feliz em discutir as questões com o presidente Trump”. Visto pela China como partidário da secessão, o presidente taiwanês garantiu que seu governo está

comprometido “em manter o status quo no Estreito de Taiwan”, e acusou o regime comunista do continente de “perturbar a paz e a estabilidade”.

O porta-voz da chancelaria chinesa, Guo Jiakun, respondeu aos acenos de Trump aconselhando a Casa Branca a “parar de enviar sinais equivocados às forças separatistas”. Invocou os dois dias de discussões entre o presidente norte-americano e o colega Xi Jinping, na semana passada, e reforçou a mensagem. “A China insta os EUA a aplicarem o importante consenso alcançado”, declarou à imprensa.

### Jogo duplo

O professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, não vê no aparente zigzague mais uma manifestação da política externa errática que os observadores

atribuem a Trump, mais ainda nesse segundo mandato. “É uma postura calculada para não parecer que está cedendo aos interesses chineses, e isso é voltado para o público interno”, disse, em entrevista ao **Correio**. “Ao mesmo tempo, ele deixa claro que não vai aceitar a independência de Taiwan, e isso é fundamental para a China.”

É semelhante a análise de Juliano Cortinhas, professor da mesma cadeira na UnB. “Trump está jogando de acordo com a lógica dele, que tem sido baseada em forçar uma situação e depois voltar atrás”, explica. Ele observa que o presidente dos EUA parece “se fazer de irracional e imprevisível para deixar a outra parte perdida, e a partir disso tentar alcançar o maior ganho possível”. Por isso, complementa, “ele vai à China, promete que vai deixar de apoiar

Kent Nishimura/AFP



O presidente dos EUA fala à imprensa: “Converso com todo mundo”

Taiwan e depois oferece um pacote de ajuda militar”. Com isso, “irrita Pequim, provoca uma reviravolta nas relações, força a mão de novo e tem um ganho maior”.

O professor da UnB pondera que essa abordagem, no entanto, “só funciona para quem tem muito poder nas mãos e muita capacidade de impor sua vontade”, o que não corresponderia a sua condição atual. “Os EUA são um país muito pressionado,

passando por uma crise econômica, com eleições legislativas pela frente e Trump com a popularidade extremamente baixa.” Em linha semelhante, o estúdio da ESPM lembra que o pacote de US\$ 14 bilhões em armas “é um ponto de atrito importante” na agenda bilateral. “Isso pode ter alguma reação por parte de Pequim, que está se sentindo mais confiante para reagir às ações de Washington.”